

# “RAÍZES CRIANCEIRAS”, HISTÓRIAS DE “BRINCAÇÃO”: UMA EXPLORAÇÃO DE BRINCARES EM MIGUILIM\*

Dr. TARCÍSIO MAURO VAGO

Doutor em educação/história da educação pela Universidade de São Paulo (USP)  
Professor associado da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
(Minas Gerais – Brasil)  
E-mail: tmvago@gmail.com

## RESUMO

*Miguilim, de Guimarães Rosa, é fonte para pensar a infância e seus brincares. A narrativa de um ponto de vista de um menino de oito anos apresenta um mundo em que se desenrolam experiências de uma vida rude no sertão, com dores muitas e alegrias poucas, em meio a homens e mulheres tão diferentes. No meio de tudo, a brincadeira, os brinquedos, também eles uma maneira de apreender o mundo, e a vida perigosa: animais, árvores, rios, pedrinhas, peteca, malha, cantigas, vaga-lumes... brincando com quase nada, brincando com quase tudo. Uma obra que ajuda a pensar as práticas educativas nos muitos lugares habitados por outros tantos Miguilins espalhados por ruas, praças e escolas. E inspira também a indagar a presença da escola e, nela, da educação física, nos tempos da infância.*

*PALAVRAS-CHAVE: Infância; literatura; brinquedos; brincadeiras.*

---

\* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza, tampouco houve conflitos de interesses para a sua realização.

Trabalho apresentado no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Cultura Escolar, Migrações e Cidadania. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal, 20 a 23 de junho de 2008.

## INFÂNCIA: RAÍZES CRIANCEIRAS E BRINCAÇÃO

A novela *Miguilim*<sup>1</sup>, de João Guimarães Rosa<sup>2</sup> é fonte para pensar as "raízes cianceiras"<sup>3</sup> de um menino de oito anos, em sua experiência de infância e suas histórias de "brincação"<sup>4</sup>. A literatura de Rosa é possibilidade de aproximação de histórias de infâncias e histórias de brinquedos, inspiração para um diálogo entre a educação física como prática da escola e os muitos brincares.

A escolha por essa obra deu-se por um enlaçamento pessoal, estimulado por Calvino (1998) argumentando "*por que ler os clássicos*": após a leitura do livro, não pude ser-lhe indiferente, ele se configurou como um "equivalente do universo", e então tornou-se um dos "meus" clássicos. Depois, um enlaçamento acadêmico, com a temática sobre a infância: das entranhas do sertão de Minas Gerais, Guimarães Rosa escreve os delicados sentimentos humanos experimentados por um menino<sup>5</sup>.

A literatura como domínio estético e campo próprio de reflexão<sup>6</sup> é possibilidade para escrever histórias de infâncias, e de seus brinquedos. Não quis fazer um

1. A obra em referência é *Campo Geral*, com duas novelas, *Miguilim* e *Uma Estória de Amor (Festa de Manuelzão)*, que compõem *Corpo de Baile*, publicado pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956. Para a escrita deste texto foi consultada a nona edição, publicada em 1984, pela Editora Nova Fronteira.
2. João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, MG, em 27 de junho de 1908. Médico, diplomata e escritor consagrado no Brasil, traduzido em vários países. Entre suas principais obras: *Sagarana* (1946), *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Corpo de Baile* (1956), *Primeiras Estórias* (1962), *Tutaméia (Terceiras Estórias)*, 1967). Morreu em 19 novembro de 1967, com 59 anos, três dias após assumir sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.
3. *Raízes cianceiras* é poesia de Manoel de Barros, *Memórias inventadas: a Infância* (2003).
4. *Brincação* é neologismo de Guimarães Rosa, em *Uma Estória de Amor (Festa de Manuelzão)*, *Corpo de Baile* (1956).
5. Em resposta a um questionário escolar de sua prima, Lenice Guimarães, Rosa escreveu, em 19 de outubro de 1966: "IV – É difícil dizer qual o livro (da gente) preferido. A gente sempre gosta mais de um livro futuro, que se pensa ainda escrever. De qualquer modo, posso dizer sinceramente que, de tudo o que escrevi, gosto mais é da estória do Miguilim [...] Por quê? Porque ela é mais forte que o autor, sempre me emociona; eu choro, cada vez que a releio, mesmo para rever as provas tipográficas. Mas, o porquê, mesmo, a gente não sabe, são mistérios do mundo afetivo".
6. Apoio-me em Cristina Soares de Gouvêa: "a literatura constitui um domínio estético que tem um campo próprio de reflexão. [...] O texto literário guarda sua originalidade, entre outros elementos, no seu estatuto simbólico, que informa sua estrutura, bem como seus espaços de circulação. A obra literária, no dizer de Bruner (2003) ao comparar o texto narrativo e o texto científico, tem em vista critério não de afirmação (mesmo que provisória) de uma verdade. Seu compromisso é com a verossimilhança e a sua estrutura textual, sua força argumentativa estruturam-se de forma a construir uma realidade que seja coerente para o leitor. Este não busca na leitura literária um encontro com uma realidade e o real, mas uma experiência estética de encontro com uma realidade possível. [...] Trabalhar com textos literários significa ter sempre em mente a originalidade desta produção discursiva" (cf. GOUVÊA, 2006, p. 26).

inventário abstrato desses brinquedos, e retirá-los dos tempos e dos lugares em que foram vividos. Procurei vestígios dessas práticas para pensá-las em sua presença na história de pessoas e de lugares, sua produção e fruição, compreendendo-as como manifestação da subjetividade humana, considerando-as como linguagem de crianças, mas também de adultos.

Por isso, escolhi trazer fragmentos da obra, respeitando a narrativa em que se pode compreender o sentido de tantos brincares – para não lhes retirar a circunstância.

O próprio Guimarães Rosa expressou certa vez uma vontade: “Um dia ainda hei de escrever um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos”<sup>7</sup>. Lamentável que não tenha podido realizar seu desejo, mas deixou esse pequeno vestígio da *brincação* em suas raízes *crianceiras*:

armar alçapões para apanhar sanhaços – e depois tornar a soltá-los. Que maravilha! Puxar sabugos de espigas de milho, feito boizinhos de carro, brinquedo saudoso: atrelar um sabugo branco com outro vermelho, e mais uma junta de bois pretos – sabugos enegrecidos ao fogo. Prender formiguinhas em ilhas, que eram pedras postas num tanque raso, e unidas por pauzinhos, pontes para formiguinha passar. Aproveitar um fiozinho d’água, que vinha do posto das lavadeiras, e mudar-lhe duas vezes por dia o curso, fazendo-o de Danúbio ou de São Francisco, ou de Sapakral-lal (velho nome inventado), com todas as curvas dos ditos, com as cidades marginais marcadas por grupos de pedrinhas, tudo isso sob o vôo matinal das maitacas de Nhô Augusto Matraca, no quintal<sup>8</sup>.

Se não produziu seu tratado de brinquedos, Guimarães escreveu Miguilim, comovente estória de um menino no sertão de Minas Gerais. Na infância de tanta dor, os muitos brinquedos desse menino que, aprendendo o mundo, “tremia receando os desatinos das pessoas grandes”. Não seria este, inteiro, o seu tratado prometido?

Em linguagem única, poética e potente, ele escreve experiências de uma meninice, de um tornar-se humano. Um universo singular, pontilhado de tristezas, também de alegrias, poucas, nem por isso alegrias menores.

## NOS GERAIS DAS MINAS, UMA INFÂNCIA NO SERTÃO

“Um certo Miguilim”, menino de oito anos, vive sua infância “no meio dos Campos Gerais”, no lugar chamado Mutum, com pai, mãe, irmãos, tio, avó e ou-

---

7. Entrevista concedida à Revista *Realidade*, citada por Renard Perez, em “Perfil de Guimarães Rosa”, incluído no livro *Sagarana* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 25. ed., 1982, p. xxi).

8. Cf. Renard Perez, em “Perfil de Guimarães Rosa”, *Sagarana* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 25. ed., 1982, p. xx).

tros parentes. A narrativa é tecida do ponto de vista desse menino, míope: e esse é um jeito de Miguilim olhar o universo ao seu redor, e dizer seu sentimento dele. Miguilim é um contador de estórias, a sua própria história.

Da viagem do lugar onde nasceu, um “buraco de mato, lugar chamado Pau-Roxo”, para o Mutum, junto com a família, “muitos quadros cabiam certos memória” de Miguilim, e já uma lembrança de brincar: “A mãe, ele e os irmãozinhos, num carro-de-bois com toldo de couro e esteira de buriti, cheio de trouxas, sacos, tanta coisa – ali a gente brincava de esconder”.

A mãe, Nhanina, a quem Miguilim tanto amava; seu pai, Béro, violento; Tio Terêz, de quem muito gostava, irmão do pai; sua irmã Chica e seus irmãos mais novos Tomezinho e Dito, que “era a pessoa melhor”. E Liovaldo, que não morava no Mutum. Todos tinham nome: Bernardo Caz, o pai, Maria Francisca Cessim Caz, Maria Drelina Cessim Caz, Expedito José Cessim Caz, Tomé de Jesus Cessim Caz. Menos Miguilim: “Você é Miguilim Bobo...”, dizia Drelina. E havia também Maitina, negra fugida, nem sabia a idade.

Nesse universo de entrelaçamento dos sentimentos humanos todos, procurei uma experiência de infância, com seus medos, conflitos, temores – e as pequenas alegrias de brincar.

O pai maltratava Miguilim, demais: “De nada que o pai crescia, raivava” com ele. Colocava de castigo, ralhava, batia, batia muito. Em um domingo, levou seus irmãos para uma pescaria no córrego, mas deixou Miguilim de castigo, em casa. Uma oportunidade surgiu, de uma brincadeira com tons de crueldade:

Mas, Tio Terêz, de bom coração, ensinou-o a armar urupuca para pegar passarinhos. Pegavam muitos sanhaços, aqueles pássaros macios, azulados, que depois soltavam outra vez, porque sanhaço não é pássaro de gaiola. – “Que é que você está pensando, Miguilim?” – tio Terêz perguntava. – “Pensando em Pai...” – respondeu. Tio Terêz não perguntou mais, e Miguilim se entristeceu, porque tinha mentido: ele não estava pensando em nada, estava pensando só no que deviam sentir os sanhaços, quando viam que já estavam presos, separados dos companheiros, tinha dó deles; e só no instante em que Tio Terêz perguntou foi que aquela resposta lhe saiu da boca. Mas os sanhaços prosseguiram de cantar, voavam e pousavam no mamoeiro, sempre cálam presos na urupuca e tornavam a ser soltos, tudo continuava.

O pai brigava também com a mãe. Miguilim ouviu de Dito: “– eu acho Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o Tio Terêz... Mas está soluçando em pranto, demais da conta”. Miguilim “arregalava um sofrimento”, e Dito lhe queria tirar dali, para um outro brincar: “– Vamos na beira do rego, ver os patinhos nadando...” “– Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode...”.

Acostumado ao castigo, Miguilim, após uma surra, foi posto pelo pai em um tamborete, onde “tremia, inteirinho o corpo”. Seus irmãos já “nem esbarravam mais dos brinquedos para vir ver Miguilim sentado alto no tamborete, à paz”. No castigo, sentiu o pé comichando: bicho-de-pé. Vovó Izidra então reclamava de uma das brincadeiras dos meninos: “– Já foram brincar perto do chiqueiro! Menino devia de andar a pé calçado”. Eram eles também crianças dos pés descalços<sup>9</sup>...

Na hora de dormir, dividindo a mesma cama, Miguilim propõe ao irmão: “– Dito, vamos ficar nós dois, sempre um junto com o outro, mesmo quando a gente crescer, toda a vida?” “– Pois vamos.” “– Dito, amanhã eu te ensino a armar urupuca, eu já sei...”. Cumplicidade muita entre esses mais que irmãos.

Sua irmã Chica “tinha malgênio”. Era de brinquedos e espertezas: “Chica vinha passando, com a boneca – nem era boneca, era uma mandioquinha enrolada nos trapos, dizia que era filhinha dela, punha até nome, abraçava, beijava, dava de mamar”. Era menor do que Drelina, mas a que “sabia mais brinquedos, botava todos para rodar de roda, ela cantava tirando completas cantigas, dançava mocinha”. Tinha as suas crueldades – “puxava a rã verde por uma perna, amarrava num fio de embira, prendia-a no pau da cerca”.

Depois de ouvir uma história da velha Mãitina, de sua ida ao teatro, que “tinha uma moça que aparecia por dançar”, de nome Corina, Miguilim perguntou curioso:

– Que é que é teatro, Mãe?

– Teatro é assim como no circo-de-cavalinhos, quase... Mas Miguilim não sabia o que o circo era.

Mais tarde, ao irmão:

– Dito, você vai imaginar como é que é o circo?

– É uma moça galopando em pé em riba do cavalo, e homens revestidos, com farinha branca na cara... tio Terez disse. É numa casa grande de pano.

Vieram fortes chuvas. Por medo delas, muitas rezas, no oratório da casa. E nem aí os meninos desperdiçavam de brincar, e com o próprio corpo:

Bom era ser filho do Bispo, e o mundo solto para os passarinhos... Os joelhos de Miguilim descansavam e cansavam, doía era o corpo, um bocadinho só, quase não doía. Mas Tomezinho brincava de estralar as juntas dos dedos; depois, de puxar o nariz para diante.

---

9. Um autor que inspirou este texto foi o português João Amado, e seus trabalhos sobre os brinquedos populares, as brincadeiras das crianças dos pés descalços, que, como diz, é “sua forma de fazer poesia” (AMADO, 2002).

Miguilim brincava também com animais:

O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, queria comer, queria brincar, sessepe, serelé, coelhinho da silva, remexendo com a boquinha de muitos jeitos, esticava pinotes e sentava a bundinha no chão, cismado, as orelhas dele estremeciam constantemente. Devia de ter o companheiro, marido ou mulher, ou irmão, que agora esperava lá na beira do mato, onde eles moravam, sozím.

Com os muitos cachorros:

Mas, para o sentir de Miguilim, mais primeiro havia a Pingo-de-Ouro, uma cachorra bondosa e pertencida de ninguém, mais que gostava mais era dele mesmo. Quando ele se escondia no fundo da horta, para brincar sozinho, ela aparecia, sem atrapalhar, sem latir, ficava perto, parece que compreendia.

Mas o pai deu Pingo-de-ouro para uns tropeiros que por lá passaram: Miguilim nunca mais a viu: “chorou de bruços, cumpriu tristeza, soluçou muitas vezes”.

*Brincação* também com gatos:

O gato Sossõe, certa hora, entrava. Ele vinha sutil para o paiol, para a tulha, censeando os ratos, entrava com o jeito de que já estivesse se despedindo, sem bulir com o ar. Mas, daí, rodeando como quem não quer, o gato Sossõe principiava a se esfregar em Miguilim depois deitava perto, se prazia de ser, com aquela ronqueirinha que era a alegria dele, e olhava, olhava, engrossava o ronco, os olhos de um verde tão menos vazio – era uma luz dentro de outra, dentro doutra, dentro outra, até não ter fim. A gente podia ficar tempo, era bom, junto com o gato Sossõe.

Depois do tempo de chuvas, Vovó Izidra ralhava para não ir caminhar “molhando os pés no chão chovido”. Não adiantava:

Para um assim com má-sina – que é que adiantava? Entre chuva e outra, o arco-da-velha aparecia bonito, bebedor; quem atravessasse debaixo dele – fu! – menino virava menina, menina virava menino: será que depois desvirava? Estiadas, as agüinhas brincavam nas árvores e no chão, cada um de um jeito os passarinhos desciam para beber nos lagoeiros.

Já o Dito recordou de uma conversa, e pediu a Miguilim, depois que as chuvas haviam acabado: “– Agora você ensina armar urupuca...”. Mas a urupuca não ficou boa, só Tio Terêz sabia fazer, mas ele estava vivendo distante dali, depois que se foi embora. Miguilim lembrou-se então de uma conversa com ele:

– Que é que é flauta, tio Terêz? Flauta era assovio feito, de instrumento, a melhor remedava o pio assim do sanhaço grande, o ioioioim deles... Tio Terêz ia aprontar para ele uma, com taquara, com canudo de mamão? Mas, depois, de certo esqueceu, nunca ninguém tinha tempo, quase que nenhum, de trabalhar era que todos careciam.

Em meio a tudo, Miguilim um dia esteve doente, mas com alegrias miúdas:

Tomezinho e o Dito corriam, no pátio, cada um com uma vara de pau, eram cavalinhos que tinham até nomes dados. “–Brincar, Miguilim!” Brincar de pegador. Até a Chica e Drelina brincavam, os cachorros latiam diverso. O Gigão sabia quase brincar também. Miguilim corria, tinha uma dor de um lado. Esbarrava, nem conseguia ânimo de tomar respiração.

Miguilim era capaz de brincar com o Dito a vida inteira, “o Ditinho era a melhor pessoa, de repente, sempre sem desassossego”. Com ele fazia as artes todas, trepando na árvore-de-tentos, “para apanhar frutinhas de birosca”. Brinquedos simples, de uma vida simples. O Dito brincava com “carrinho-de-boi, com os sabucos. Um sabuco roxo era boi roxo, outros o Dito pedia à Rosa para no fogo tostar, viravam sendo boizinhos amarelos, pretos, pintados de preto-e-branco. Era o brinquedo mais bonito de todos”.

Inseparáveis, Miguilim e Dito experimentaram montar cavalo com o vaqueiro Jé, nos mais mansos, em pelo. Dito estava no Papavento, e Miguilim montava no Preto, com o ramo verde que o vaqueiro deu a cada um. “Desde, desde, se ia até lá adiante, a porto nos coqueiros, se voltava. Devoava uma alegria. Era a coisa melhor”. Dito desafiou: “– Eta, apostar quem corre mais, Miguilim? – Não, Dito, vaqueiro Jé disse que a gente deve de não correr..”.

Outra vez, uma brincadeira que juntava crianças e adultos:

estavam brincando de jogar malha, no pátio, meio de tardinha. Era com dois tocos, botados em pé, cada um de cada lado. A gente tinha de derrubar, acertando com uma ferradura velha, de distância. Duma banda o Dito, mais vaqueiro Salúz, da outra Miguilim mais o vaqueiro Jé. Mas Miguilim não dava para jogar direito, nunca que acertava de derrubar. – “Faz mal não, Miguilim, hoje é dia de são-gambá: é de branco perder e preto ganhar...” – o vaqueiro Jé consolava. Mas Miguilim não enxergava bem o toco [...].

Escurecia, e continuavam juntos em outra brincadeira:

Miguilim não queria ficar sozinho de coisa nenhuma. Agora jogavam peteca, atoa. Vaqueiro Salúz fez uma peteca de palha-de-milho, espetou penas de galinhas. A chica e Tomezinho divertiam com os bezerros, Tomezinho apartava um mais sereno, montava, de primeiro Miguilim também daquilo.. Os bezerros também brincavam uns com os outros, de dar pinotes, os coices, e marradas.

E, à noite, o divertimento era já outro – os vaga-lumes:

“– Olha quanto mija-fogo se desajuntando no ar, bruxolim deles parece festa!” Inçame. Miguilim se deslumbrava. – “Chica, vai chamar mãe, ela ver quanta beleza...” Se trançavam, cada um como que se rachava, amadurecido quente, de olho de bago; e as linhas que

riscavam, o comprido, naquele uauá verde, luzlino. Dito arranjava um vidro vazio, para guardar deles vivendo. Dito e Tomezinho corriam no pátio, querendo pegar, chamavam: – “*Vaga-lume, lume, lume, seu pai, sua mãe, estão aqui!...*” Mãe minha mãe. O vaga-lume. Mãe gostava, falava, afagando os cabelos de Miguilim: – “O lumêio deles é um acenado de amor...”

Caçar passarinhos, aprenderam também. Foi um outro que veio morar com eles, Luisaltino, quem ensinou a fazer gaiolas:

O Dito logo aprendeu, fazia muito bem feitinhas, ele tinha jeito nas mãos para aprender. As gaiolas estavam vazias, sanhaço e sabiá do peito vermelho não cantavam presos e o gaturaminho se prendesse morria: mas Luisaltino falou que com visgo e açapão mais tarde iam pegar Passarim de bom cantar: patativo, papa-capim, encontro.

Representação de coisas da vida também havia no brincar deles: “A Chica brincou uma festa de batizar três bonecas de mentira, para Miguilim, o Dito e Tomezinho serem os padrinhos”.

Aprender a nadar e a pescar eram daquele universo singular:

Tudo era bom, às tardes a gente a cavalo, buscando vacas. Dia-de-domingo, cedinho escuro, no morno das águas, Pai e Luisaltino iam lavar corpo no poço das pedras, menino-homem podia ir junto, carregavam pedaço de sabão de fruta de tingui, que Mãitina tinha cozinhado. Luisaltino cortava pau-de-pita: abraçado com o leve desse, e com as cabaças amarradas, não se afundava, todo mundo suspenso n’água, se aprendendo a nadar. Naquele poço, corguinho-veredinha, não dava peixe, só fingindo de fazer de conta era que se pescava. Mas Vovó Izidra teve de ir dormir na Vereda do Bugre, para servir de parteira; sem Vovó Izidra a casa ainda ficava mais alegrada. Aí a Rosa levou os meninos todos, variando, se pescou. Só só piabas, e um timburé, feio de formas, com raja, com aquela boquinha esquisita, e um bagre – mole, sapos, arroxeado, parecendo uma posta de carne doente. Mas se pescou; foi muito divertido, a gente brincava de rolar atoa no capim dos verdes.

Em uma noite, nem o pai nem a avó estavam, e então “aquela noite foi o dia mais bonito de todos”:

Tinha lua-cheia, e de noite Mãe disse que todos iam executar um passeio, até aonde se quisesse, se entendesse. Eta fomos, assim subindo, para lá dos coqueiros. Mãe ia na frente, conversando com o Luisaltino. A gente vinha depois, com os cavalos-de-pau, a Chica trouxe uma boneca. A Rosa cantava silêncio de antigas, Maria Pretinha conversava com o vaqueiro Jé.

E aconteceu de Miguilim e Dito brigarem. Um touro havia machucado a mão de Miguilim, e Dito falou que o touro era burro, Miguilim pensou que Dito estava querendo mexer com ele:

– minha-nossa senhora! – nem sabia por que era que estava com raiva do Dito: pulou nele, cuspiu, bateu, o Dito bateu também, todo espantado, com raivas – “Cão” “Cão!” – no chão que rolaram, quem viu primeiro pensava eles dois estivessem brincando.

Depois, Miguilim queria pedir perdão, mas tinha vergonha, até que ia procurar o Dito, mas ele já vinha, propondo mais uma estripulia:

Miguilim, a gente vai trepar no pé-de-fruta... O Dito nem queria falar na briga. Ele subia mais primeiro – o brinquedo ele tinha inventado. Antes de subir, botava a camisinha para dentro da calça, resumia o pelo-sinal, do Dito era um irmão tão bonzinho e sério, todas as coisas certas ele fazia. Lá em cima, bem em cima, cada um numa forquilha de galhos, estavam no meio das folhagens, um quase defronte do outro, só sozinhos. Estavam ali como escondidos, mas podiam ver o que em volta se passava. [...] “– Dito, você não guarda raiva de mim, que eu fiz?” “– Você fez sem por querer, só por causa da dor que estava doendo...” [...] “– Mais, se você tornar a fazer, eu dou em você, de pontapé, eu jogo pedrada!...”

“Mas vem um tempo em que, de vez, vira a virar só tudo de ruim, a gente paga os prazos”. Dito cortou o pé, corte grande, em um caco de pote, correndo atrás do mico-estrela que tinham na casa, que havia fugido. E então, adoeceu demais. Não sarava com remédio nenhum, nem com as rezas todas. Dito estava para morrer. Ele chamou Miguilim, queria ficar sozinho, quase não conseguia falar, mas ainda assim, disse ao irmão: “Chora, não Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você...”. Como se despedindo, falou:

– Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!... E o Dito quis rir para Miguilim. Mas Miguilim chorava aos gritos, sufocava, os outros vieram, puxaram Miguilim de lá.

Ensino de Dito para Miguilim, na hora mesmo em que contemplava a morte. Na descoberta do mundo, Miguilim experimentou a insuportável dor: seu irmão estava morto. Descoberta maior, e mais dolorosa – a morte sempre espreitando a vida. “Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar”.

Ora vez, tinha raiva. Das pessoas, não. Nem de Deus; não. Mais não sabia, de quem ou de que. Tinha raiva. Não conseguia, nem mesmo queria, se recordar do Dito vivo, lembrar o tempo em que tinham vivido juntos, conversado e brincado. Queria, isso sim, se fosse um milagre possível, que o Dito voltasse, de repente, em carne e osso, que a morte dele não tivesse havido, tudo voltando como antes, para outras horas, novas, novas conversas e novos brinquedos, que não tinham podido acontecer – mas devia de

ter para acontecer, hoje, depois, amanhã, sempre. – “Hoje, o que era que o Dito ia dizer, se não tivesse morrido? O quê?!...” Então, chorava mais.

E chorou junto com Mãitina. Os dois fizeram a lembrança deles de Dito: aí também, brinquedos:

O que eles dois fizeram, foi ela quem primeiro pensou. Escondido, escolheram um recanto, debaixo do jenipapeiro, ali abriram um buraco, cova pequena. De em de, camisinha e calça do Dito furtaram, para enterrar, com brinquedos dele. Mas Mãitina foi remexer em seus guardados, trouxe uns trens: boneco de barro, boneco de pau, penas pretas e brancas, pedrinhas amarradas com embira fina." [...] Miguilim tinha todas as lágrimas nos olhos. Tudo se enterrou, reunido com as coisinhas do Dito. Retaparam com terra, depois foram buscar as pedrinhas lavadas do riacho, que cravaram no chão, apertadas, remarcando o lugar; ficou semelhante um ladrilho redondo. Era a mesma coisa se o Dito estivesse depositado ali, e não no cemiteriozinho longe, no Terentém. Só os dois conheciam o que era aquilo.

A violência e o desprezo do pai tirano caem sobre Miguilim. Depois do Dito morto, Miguilim foi posto para tudo fazer: debulhar milho no paiol, capinar canteiro de horta, buscar cavalo no pasto, tirar cisco nas grades de madeira do rego, buscar lenha, levar latas de leite cheias até o distante lugar chamado Bugre. Não adiantava a mãe reclamar que ele era pequeno para o serviço: “Pai teimou, disse que outros, mais menores, viajavam até mais longe”. E lá ia Miguilim, sozinho. Não ligava: “O que ele tinha pensado, agora, era que devia de ser igual como o Dito”.

No meio de cumprir as tantas obrigações, as vistas de Miguilim atrapalhavam, mais sofrimento lhe causavam, e o pai lhe desprezava também por isso, dizendo pra mãe que ele não prestava, que menino bom era o Dito, que Deus tinha levado para si, era muito melhor tivesse levado Miguilim em vez d’o Dito.

Sentimentos diversos invadem o menino: “É ele mesmo achava que não gostava mais de ninguém, estirava uma raiva quieta de todos”, especialmente do pai. Uma diferença existia agora no peito: “Medo de morrer, tinha; mesmo a vida sendo triste. Só que não recebia mais medo das pessoas. Tudo era bobagem, o que acontecia e o que não acontecia, assim como o Dito tinha morrido, tudo de repente se acabava em nada”. Até da mãe Miguilim não gostava mais, quase: “Mãe sofria junto com ele, mas era mole – não punia em defesa, não brigava até ao fim por conta dele, que era fraco e menino, Pai podia judiar quanto queria. Mãe gostava era do Luisaltino...”. Estava sozinho, o Miguilim.

Depois de outra surra, Miguilim não temeu mais o pai: “desquis de estremecer”. Esperava o pior, e o pai fez coisa ainda mais doída:

O que ele fez foi sair, foi pegar as gaiolas, uma por uma, abrindo, soltando embora os passarinhos, os passarinhos de Miguilim, depois pisava nas gaiolas e espedaçava. Todo o

mundo calado. Miguilim não arredou do lugar. Pai tinha soltado os passarinhos todos, até o casazinho de tico-tico-reis que Miguilim pegara sozinho, por ideia dele mesmo, com peneira, na porta-da-cozinha, uma vez. Miguilim ainda esperou para ver se Pai vinha contra ele recomeçado. Mas não veio.

Ele mesmo continuou o que o pai começara. Seus brinquedos, agora, recebiam sua tristeza toda:

Então Miguilim saiu. Foi ao lado da horta, onde tinha um brinquedo de rodinha-d'água – sentou o pé, rebentou. Foi no cajueiro, onde estavam pendurados os alcapões de pegar passarinhos, e quebrou com todos. Depois veio, ajuntou os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas – os tentos de olho-de-boi e Maria-preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis, a caixa de papelão, os barbantes, o pedaço de chumbo, e outras coisas, que nem quis espisar – e jogou tudo fora, no terreiro. E então foi para o paiol. Queria ter mais raiva. Mas o que não lhe deixava a idéia era o casal de tico-ticos-reis, o macho tão altaneirozinho bonito – upupava aquele topete vermelho, todo, quando ia cantar. Miguilim tinha inventado de pôr a peneira meia em pé, encostada num toquinho de pau, amostrara arroz por debaixo, e pôde ficar de longe, segurando a pontinha de embira que estava lá amarrada no toquinho de pau, tico-tico-rei veio comer arroz, coração de Miguilim também, também, ele tinha puxado a embira... Agora, chorava.

Miguilim, trabalhando na roça sentiu mal-estar: “Era uma dor muito brava, na nuca, também. Tremura de frio não esbarrava”. Doente, parecia que não conhecia “quando era dia e quando era noite”. Diferente de sempre, o pai lhe devotou cuidados. Misturados sentimentos tomam seu coração:

E então Miguilim viu Pai, e arregalou os olhos: não podia, jeito nenhum não podia mesmo ser. Mas era. Pai não ralhava, não estava agravado, não vinha descompor. Pai chorava estramontado, demordia de morder os beijos. Miguilim sorriu. Pai chorou mais forte: “– Nem Deus não pode achar isto justo direito, de adoecer meus filhinhos todos um depois do outro, parece que é a gente só que tem que purgar padecer!?” Pai gritava uma braveza toda, mas por amor dele, Miguilim.

Depois, foi ficando melhor, mas “por causa do restinho da doença, ele não devia de brincar com os irmãos, nem com o [menino] Grivo”. Nem ainda estava todo bom, desgraças, outras. O pai matou Luisaltino, fugiu para o mato, enforcou-se com cipó. “Miguilim chorava pelo Pai, por todos juntos. Depois ficava num arretriste, aquela saudade sozinha”.

Dias depois, Tio Terêz apareceu, assim, voltando “para morar com eles, trabalhando, sempre. Mas Miguilim não gostava mais do Tio Terêz, achava que era pecado gostar”. Vovó Izidra é que se foi embora, “por nunca mais, ali não ficava”.

Apareceu então lá no Mutum um visitante, a cavalo – o Dr. José Lourenço, médico de Curvelo. Observou que Miguilim apertava os olhos, ao lhe encarar: “– Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo da vista?”. Entrou na casa, onde todos estavam. Depois, perguntou: “– Miguilim: espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?”. Espremeu os olhos, o Miguilim. O homem disse que ele tinha “a vista curta”, e tirando os seus óculos, pôs em Miguilim, “com todo jeito”. “– Olha, agora!”

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo...

Miguilim precisava usar óculos, para enxergar o mundo, no detalhe.

“Coração de Miguilim batia descompassado”. O doutor partiu, voltaria no dia seguinte. A mãe disse que, se Miguilim quisesse, o médico o levaria para a cidade, compraria óculos, e ele poderia ir para a escola, aprender ofício: “– você mesmo quer ir?”. De novo, Miguilim não sabia, segurava o soluço: “Sua alma, até o fundo, se esfriava”. E sua mãe lhe falou, então, para lhe dar a coragem de partir:

– Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...

Naquela ânsia, a dúvida, toda, da vida, em Miguilim:

“Mãe, mas por que é, então, para que é, que acontece tudo?!” “– Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor...”.

Dia seguinte, a partida de Miguilim do Mutum, no cavalo Diamante. Despediu de todos, um por um, “dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossão que lambia as mãozinhas de asseando”. Tremendo o corpo, pediu ao doutor os óculos:

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito! Agora ele sabia. [...] Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro.

Olhava mais era para Mãe. [...]. Um soluçozinho veio. Dito e Cuca pingo-de-ouro. E o Pai. *Sempre alegre, Miguilim. Sempre alegre, Miguilim...* Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava.

O Mutum bonito ficou para trás: e foi o Miguilim para a cidade com o doutor. Cuidar das vistas. Estudar. Aprender ofício. Ver beleza na vida?

#### ENTRELAÇAMENTOS: RESISTIR À MORTE, COM “CHEIRINHOS DE ALEGRIA”

Guimarães Rosa construiu um universo dando voz a um menino para dizer dos sentimentos, das percepções e dos desejos humanos mais intensos. Uma maneira que Guimarães (ele também míope) encontrou: fez de Miguilim um contador de estórias, narrador de uma experiência de infância. Em uma criança, todos os seres? Naquele sertão do Mutum, os lugares todos? Experiência singular, sentimentos humanos diversos.

Experiências de Miguilim, de outras crianças, em meio aos “desatinos das pessoas grandes”. Experimentar o mundo, de tristezas tantas, de alegrias poucas, e miúdas. Nesse mundo, infâncias em contrastes: desamparo, angústia, dor, alegria, bondade, maldade, medo, dúvida, injustiças, em meio a homens e mulheres de modos tão diferentes, com os mistérios e as descobertas da vida, de suas asperezas. As brigas entre adultos, os segredos e as cumplicidades entre dois meninos, as crueldades e os mistérios de uma vida rude. Aprendizados duros de ser criança, de tornar-se adulto. E no meio de tudo, a *brincação*, os brinquedos, também eles uma maneira de apreender o mundo, e a vida perigosa: animais, pássaros, árvores, rios, pedrinhas, peteca, malha, cantigas, vaga-lumes... brincando com quase nada, brincando com quase tudo.

Em Miguilim, entrelaçamentos de vida e morte. A recusa do bruto, o acolhimento do belo – uma sabedoria, uma inspiração. Talvez ele tenha mesmo deixado um sentimento de incompletude dessa vida: “Dito, eu às vezes tenho uma saudade de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, me afrontando...”. Relembrações de delicadezas.

Mas, o que Dito disse era o que mais valia para ele: “O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma”.

Sempre alegre, Miguilim. Nas descobertas e nos espantos, “cheiro de alegriazinha”. Seria ainda possível?

A experiência de infância de Miguilim no sertão ajuda a pensar nos muitos lugares habitados por outros tantos *miguilins* espalhados por ruas, praças e escolas, ontem e agora...

Ensinaça de um menino míope: evitar a cegueira, apurar o olhar. Miguilim, sua estória... o que nos inspira, o Miguilim?

Inspira a pensar as muitas “raízes crianceiras”, alargando a compreensão sobre crianças, combatendo idealizações simplificadoras da infância como sinônimo de felicidade. Instigando nossa sensibilidade, convida para ver as tantas infâncias e seus sentimentos diversos, superando a naturalização da infância, para sem rodeios aproximar-se de suas experiências pontilhadas por contrastes; inspira a olhar a criança encarnada que aprende e apreende o mundo, e também o transforma, com seu potencial inventivo e transgressor.

Inspira a pensar as relações intergeracionais, para combater o apagamento e a invisibilidade da infância por um adultocentrismo autoritário; a ver a criança como outro, como protagonista inventiva, produtora de sentidos, de culturas.

Inspira a pensar as práticas de *brincança*, maneiras de ler o mundo, de apropriar-se dos espaços, dos tempos, do universo ao redor – brincadeiras e brincantes no meio da vida. Para lutar contra o esquecimento desse patrimônio imaterial presente na história humana, linguagem possível de todas as idades.

Inspira a pensar a escola, e nela a educação física: como lugar de acolher os miguilins, para enriquecer suas experiências da vida.

Miguilim inspira a acreditar que a cada momento existe sempre a possibilidade da beleza.

### Childhood in *Miguilim*: unveiling its children games

*ABSTRACT: Miguilim, by Guimarães Rosa, invites you to think about childhood and its games. From the point of view of an 8 year old boy, it presents a world in which the experiences of a difficult life in poverty, with many pains and few joys and in the middle of so diverse men and women, unveil. Amid it all, the playing, both of them a way of absorbing the world, and the dangerous life: animals, trees, rivers, pebbles, songs, fireflies... playing with almost nothing, with almost everything. It is a book that helps you think about the educational actions in the many places filled with so many other miguilins scattered around streets, playgrounds and schools. And it also promotes the discussion about the presence of the school, and, inside it, of the physical education, in the childhood.*

*KEY WORDS: Childhood; literature; toys; games.*

### Una exploración de juguetes en *Miguilim*

*RESUMEN: Miguilim, de Guimarães Rosa, es un fuente para pensar en la infancia y sus juguetes. La narrativa del punto de vista de un niño de ocho años representa un mundo en el cual se desarrollan experiencias de la vida ruda, con muchos dolores y pocas alegrías, alrededor de hombres y mujeres tan distintos. En medio a todo eso, los juguetes, también estos una manera de aprehender el mundo, la peligrosa vida: animales, árboles, ríos, piedrecitas,*

'peteca', malla, cantigas, luciérnagas... jugando con casi nada, con casi todo. Una obra que ayuda a pensar en las prácticas educativas en muchos sitios habitados por otros miguilins esparcidos en las calles, plazas y escuelas. Y inspira a indagar sobre la presencia de la escuela y, en ella, la educación física, el los tiempos de la infancia.

PALABRAS CLAVES: Infancia; literatura; juegos; juguetes.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, J. *Universo dos brinquedos populares*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.
- BARROS, M. de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BENJAMIM, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GOUVÊA, M. C. S. de. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: FERNANDES, R.; FARIA FILHO, L.; LOPES, A. (orgs.). *Para a compreensão histórica da infância*. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 21-43.
- ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Recebido: 19 jul. 2009

Aprovado: 3 nov. 2009

Endereço para correspondência

Tarcísio Mauro Vago

Rua Estanislau Fernandes, 197 – Bairro Ouro Preto

Belo Horizonte-MG

CEP 31340-130